

ARGUMENTO

O que os escritores fidalgos receberam da natureza gratuitamente, os de origem simples compram-no à custa da sua juventude. Escreva um conto sobre um jovem, filho de servo da gleba, outrora lojista, corista da igreja, aluno do liceu e estudante universitário, educado no respeito dos superiores, no beija-mão ao pope, na veneração das ideias alheias, um jovem que dizia «obrigado» por cada fatia de pão, muitas vezes açotado, que andava sem galochas a dar explicações, que brigava, maltratava os animais, gostava de almoçar à mesa dos parentes ricos, dizia hipocrisias perante Deus e os homens sem qualquer necessidade, só por ter consciência da sua nulidade — escreva como este jovem espreme do seu ser, gota a gota, o escravo que há nele, e como, ao acordar uma bela manhã, sente que já não é sangue de escravo que corre nas suas veias, mas sangue verdadeiro, humano...

Tchékhov para A. S. Suvórin. 7 de janeiro de 1889, Moscovo.

Ontem terminei e passei a limpo um conto, mas foi para o meu romance, que agora cativa todos os meus pensamentos. Ah, que romance! [...]

Tenho um argumento para um pequeno conto.

Tchékhov para A. M. Evréinova. 10 de março de 1889, Moscovo.

— O que está a escrever?

— Nada de especial, alguns apontamentos... Um argumento relanceou...
(*Guardando o caderno.*) Um argumento para um pequeno conto [...]

A Gaivota, 1896.

FOBIA

Cumpra os meus encargos sem torceres o nariz. Serás recompensado excelentemente: um futuro historiador vai mencionar-te na minha biografia. «Tinha, dirá ele, um irmão Aleksei que cumpria os seus encargos, contribuindo muito, deste modo, para o desenvolvimento do seu talento.» Para o meu biógrafo não é obrigatório conhecer o teu nome, mas pela assinatura «Al. Tchékhev» vai adivinhar facilmente que te chamas Aleksei.

Tchékhev para Al. P. Tchékhev. 21 de outubro de 1887, Moscovo.

Excelentíssimo Senhor:

Em resposta ao seu pedido, que me foi transmitido por meio da livraria do jornal *Nóvoe vrémia* (*Novos Tempos*), venho comunicar-lhe os meus dados biográficos.

Nasci em 1860 na cidade de Taganrog (costa do mar de Azov). O meu avô era da Pequena Rússia, servo da gleba; ainda antes da abolição da servidão, resgatou toda a sua família, inclusivamente o meu pai. O meu pai era comerciante.

Estudei no liceu de Taganrog, depois na Faculdade de Medicina da Universidade de Moscovo, que terminei como médico diplomado. Comecei a escrever em 1879. Trabalhei em muitas edições periódicas, publicando lá, sobretudo, pequenos contos que, em certa altura, me serviram de matéria para as coletâneas *Contos Multicores*, *No Crepúsculo*, *Contos*, *Gente Soturna*. Escrevi também peças teatrais que foram encenadas em palcos públicos e privados.

Em 1888, a Academia Imperial das Ciências outorgou-me o Prémio Aleksandr Púchkin.

Em 1890 fiz uma viagem através da Sibéria, até à ilha de Sacalina, com o propósito de conhecer os trabalhos forçados e a colónia dos deportados. Quando o meu livro sobre a Sacalina sair do prelo, mando-lho, e o senhor, em troca, mande-me a sua tradução dos meus contos.

Chamo-me Anton Pávlovitch (Anton Pavlovitsch).

Tchékhev para Augustin Vrzal. 14 de agosto de 1891, Bogueúmovo.

Precisa da minha biografia? Está bem. Nasci em Taganrog em 1860. Em 1879, acabei o curso no liceu de Taganrog e, em 1884, na Faculdade de Medicina da Universidade de Moscovo. Em 1888, recebi o Prémio Aleksandr Púchkin. Em 1890, fiz uma viagem à ilha de Sacalina através da Sibéria, voltei pelo mar. Em 1891, viajei pela Europa onde bebi vinho excelente e comi ostras. Em 1892, festejei um aniversário juntamente com V. A. Tíkhonov. Comecei a escrever em 1879, na revista *Strekozá* [*Libélula*]. As minhas coletâneas de contos: *Contos Multicores*, *No Crepúsculo*, *Contos*, *Gente Soturna* e a novela *O Duelo*. Ousei também alguma dramaturgia, mas moderadamente.

Os meus escritos foram traduzidos para todas as línguas, à exceção das estrangeiras. Aliás, há muito que os alemães os traduziram. Os checos e os sérvios também os aprovaram. Os franceses também têm por mim um amor correspondido. Conheci os segredos do amor aos 13 anos. Tenho ótimas relações com os meus colegas, tanto médicos como literatos. Sou solteiro. Gostaria de receber a reforma. Pratico medicina, de tal maneira que até me acontece agora, no verão, fazer autópsias de medicina legal, uma coisa que já não praticava há dois ou três anos. Entre os escritores prefiro Lev Tolstói, entre os médicos, o senhor Zakháiiin.

Aliás, nada disto interessa. Escreva o que lhe apetecer. Na ausência de factos, substitua-os por passagens líricas.

Tchékhov para V. A. Tíkhonov. 22 de fevereiro de 1892, Moscovo.

Conhece, em linhas gerais, o meu *curriculum vitae*, as «crónicas da vida», por assim dizer. A medicina é a minha mulher legítima, a literatura a ilegítima. Obviamente, as duas estorvam-se mutuamente, mas não chegam a eliminar-se uma à outra. Terminei o curso na universidade (de Moscovo) em 1884. Em 1888, recebi o Prémio Aleksandr Púchkin. Em 1890 viajei à ilha de Sacalina e quero publicar um livro sobre ela. O meu currículo é só isto. Aliás, mais uma coisa: em 1891 viajei pela Europa. Sou solteiro. Não sou rico, vivo exclusivamente do que ganho. Quanto mais envelheço, menos trabalho e mais preguiçoso me torno. Já começo a sentir a velhice. A minha saúde não é grande coisa. Quanto ao panteísmo, sobre o qual o senhor me escreveu algumas palavras simpáticas, vou responder-lhe o seguinte: o peixe não nada em terra, cada qual escreve como pode. Agrada-me o paraíso, mas não me sinto capaz de lá chegar. Se a qualidade do trabalho literário dependesse apenas da boa vontade do autor, acredite que teríamos dezenas e centenas de bons escritores. O problema não é o panteísmo, mas a dimensão do talento.

Tchékhov para I. I. Ostróvski. 11 de fevereiro de 1893, Mélikhovo.

O senhor queria receber a minha autobiografia, mas isso para mim é um castigo. Não sei escrever sobre a minha pessoa.

Tchékhov para M. O. Mênchikov. 5 de janeiro de 1894, Mélikhovo.

Não participei nas celebrações do aniversário de Púchkin. Em primeiro lugar, não tenho casaca; em segundo, tenho um medo terrível de discursos. Mal alguém toma a palavra numa mesa festiva, sinto-me tão desgraçado que me apetece meter debaixo dessa mesa. Nesses discursos, sobretudo em Moscovo, há muita mentira propositada, além disso, são pessimamente proferidos.

Tchékhov para M. O. Mênchikov. 4 de junho de 1899, Mélikhovo.

Autobiografia? Sofro de uma doença: autobiografofobia. Ler qualquer coisa sobre a minha pessoa e, mais ainda, escrevê-la para publicação, é para mim um verdadeiro suplício. Mando-lhe, numa folha à parte, algumas datas cruas, não consigo fazer melhor. Se quiser, acrescente que, ao entregar ao reitor o meu pedido de admissão à universidade, escrevi «para a Faculdade de *Meditsina*».

Tchékhov para G. I. Rossolimo. 11 de outubro de 1899, Ialta.

Eu, A. P. Tchékhov, nasci a 17 de janeiro de 1860 na cidade de Taganrog. Estudei, primeiro, na escola grega adstrita à igreja do Rei Constantino, depois no liceu de Taganrog. Em 1879 entrei na Faculdade de Medicina da Universidade de Moscovo. Na verdade, naquela altura tinha uma noção muito fraca das faculdades universitárias e não me lembro que considerações me levaram a escolher a de Medicina — contudo, não vim a arrependê-me mais tarde da escolha. Logo no meu primeiro ano universitário comecei a publicar os meus escritos em jornais e em revistas semanais, e este trabalho literário, já no início dos anos de 1880, assumiu um caráter profissional permanente. Em 1888 recebi o Prémio Aleksandr Púchkin. Em 1890 viajei à ilha de Sacalina para escrever depois um livro sobre a nossa colónia de deportados e os trabalhos forçados. Sem contar os relatórios judiciais, as recensões, os artigos satíricos, os pequenos artigos, ou seja, tudo o que escrevi dia após dia para os jornais e que agora seria difícil de encontrar e reunir, durante 20 anos de atividade literária escrevi e publiquei mais de 300 cadernos de novelas e contos. Escrevi também peças teatrais.

Não tenho dúvida de que a minha prática na ciência médica exerceu uma séria influência na minha obra literária, alargando consideravelmente a área das minhas observações, enriquecendo-me com conhecimentos cujo valor para mim, como escritor, só pode ser compreendido por quem seja médico também; esta prática teve ainda influência no rumo a tomar e,

provavelmente, foi graças ao contacto com a medicina que consegui evitar muitos erros. O conhecimento das ciências naturais e do método científico ajudou a que me mantivesse sempre atento e, sempre que possível, procurei ter em conta os dados científicos e, quando não era possível, preferia não escrever. A este propósito, direi que as condições da obra artística nem sempre admitem uma plena sintonia com os dados da ciência; é impossível apresentar no palco a morte por envenenamento tal como acontece na realidade. Contudo, a conformidade com os dados científicos deve transparecer também neste convencionalismo, ou seja, é necessário que, tanto para o leitor como para o espectador, seja claro onde há convencionalismo e que a competência do autor é indubitável.

Não pertencço à laia dos escritores que têm uma atitude negativa para com a ciência; e desgostar-me-ia ser daqueles que formam todas as noções tão-somente pela via da sua própria inteligência.

Quanto à medicina prática, ainda nos meus anos de estudante trabalhei no hospital do *zemstvo*¹ de Voskressensk (perto de Nóvi Ierussalim), assistindo o conhecido médico P. A. Arkhânguelski; a seguir, durante um curto período, fui médico do hospital de Zvenígorod. Nos anos da epidemia de cólera (1892, 1893), dirigi o setor de Mélikhovo do distrito de Sérpukhov.

Autobiografia enviada a G. I. Rossolimo, 1899.

A aparente simplicidade e a ausência de grandes acontecimentos na vida de Tchékhev saltam logo à vista no pano de fundo dos seus antecessores e, sobretudo, da geração posterior mais próxima. É mais fácil descrever a sua vida servindo-nos de uma série de numerosos «nãos».

Durante os seus quarenta e quatro anos de vida, Tchékhev

- não fez segredo da sua origem;
- não esperou uma herança nem lutou por ela;
- não sofreu por amor não correspondido (pelo menos, toda a vida);
- não arrastou a asa às mulheres (ou, pelo menos, silenciava-o) e, por outro lado, não transformou as suas companheiras em Belas Damas místicas;
- não perdeu tudo ao jogo;
- não se bateu em duelo;
- não foi funcionário público nem andou na guerra;
- não subiu ao cadafalso, não foi condenado aos trabalhos forçados nem deportado;
- não lutou com as autoridades e a censura;
- não disse aos czares as verdades com um sorriso na cara (ou sem sorriso);
- não publicou obras suas no estrangeiro e na clandestinidade;
- não editou revistas;